

PÜCHNER ESPECIAL

Festival Internacional de Fagote UFRJ-USP

26 a 30 de Novembro de 2015

Püchner e o Fagote no Brasil: duas tradições que se unem

Nós, da empresa Püchner, muito nos orgulhamos da relação que construímos, ao longo de décadas, com o fagote brasileiro.

A música brasileira sempre nos causou vivo prazer e encantamento. A produção popular, com toda a sua variedade e riqueza, é soberbamente conhecida em todo o mundo. Foi, contudo, através do fagote, que nos aprofundamos de maneira especial no universo erudito. Pudemos constatar que, no que concerne ao nosso querido instrumento, o Brasil possui uma das mais ricas literaturas.

Nossa antiga amizade com tantos intérpretes brasileiros nos colocou em contato com as obras de Villa-Lobos, Mignone e Guarneri entre tantos outros excelentes compositores.

Por essas razões, visitar o Brasil, encontrar nossos amigos e clientes de longa data e, sobretudo, o imenso prazer de ouvir esse repertório, tão caro aos fagotistas de todo o mundo, constitui um prazer especial.

Alegremo-nos sobremaneira por celebrar as figuras de Noel Devos e Francisco Mignone, de cuja parceria resultou uma das

mais monumentais produções do repertório para fagote. Publicar as memórias de nosso amigo, o oboísta Paolo Nardi, é, pois, a maneira que nos parece mais acertada de contribuir com nossa própria homenagem à música brasileira e seus intérpretes.

Muito nos agrada imaginar que, aproximadamente na mesma época em que Vinzenz Püchner fundava nossa companhia (em 1897, na cidade boêmia de Graslitz, naquele tempo parte do Império Austro-húngaro), Villa-Lobos iniciava seus estudos musicais, surgiam as primeiras manifestações nacionalistas na música brasileira e, no Rio, apareciam os primeiros grupos de choro. O nascimento da Püchner coincide, por conseguinte, com o início de uma produção musical distintamente brasileira.

Em 1922, quando São Paulo vivia a efervescência da Semana de Arte Moderna, a Püchner se recuperava do impacto da Primeira Guerra. Graslitz, cidade onde a companhia estava sediada, passou a pertencer à recém-fundada Tchecoslováquia e, apesar da tensão política entre os povos do novo país, a firma continuou a crescer e a consolidar sua reputação.

Na década de 1950, o serialismo e outras formas de composição começaram a ser difundidas no Brasil. Guarneri escreveu sua Carta Aberta em defesa do nacionalismo, e Mignone, em 1957, com seu Concertino para fagote e pequena orquestra, iniciava



A Oficina da Püchner

Foto: Shi Li

sua longa colaboração com Devos. Enquanto isso, a Püchner se restabeleceu depois da Segunda Grande Guerra. A firma havia sido liquidada e a família, inicialmente proibida de deixar o país, acabou conseguindo emigrar em 1948, com a exceção de Josef Püchner, obrigado a trabalhar para a Amati ainda por meio ano antes de se juntar a seus familiares em Nauheim, na Alemanha, onde

alguns outros luthiers de Graslitz já se haviam estabelecido. Em 1955, a companhia passou a funcionar em seu atual endereço, na Rua Beethoven, n. 8, dirigida por Josef e seu filho, Walter. Vinzenz havia falecido em 1948, logo após o exílio. Ainda nos anos 1950, Gustavo Busch emigrou para o Brasil e, fixando-se em São Paulo, tornou-se um dos mais importantes professores de

fagote no país. O músico austríaco foi um dos primeiros a usar um fagote Püchner no Brasil e a difundir a marca no país. Nos anos 1970 e 1980, Hary Schweizer e Paulo Justi, após um período de estudos na Alemanha, também retornaram a sua terra natal com instrumentos Püchner e colaboraram para tornar o nome da firma conhecido no território brasileiro. Foi nessa época, mais pre-

cisamente em 1983, que Gabriele Püchner passou a trabalhar na administração da companhia. Gerald, irmão de Gabriele, que se associou ao pai, Walter, na manufatura dos instrumentos, obteve o seu Certificado de Mestre em Munique, em 1992, mesmo ano em que o fagotista brasileiro Fábio Cury comprou seu primeiro fagote Püchner.

Em 2000, na primeira visita da Püchner ao Brasil, Cury passou a representar a companhia no país e, desde então, tem recebido o nosso apoio para difundir, com notável maestria, o repertório brasileiro em todo o mundo. Em nossa segunda visita, em 2007, convidamos o fagotista carioca Mauro Ávila para integrar nossa equipe no Brasil. Mauro foi treinado em nossa oficina e, hoje, somos a única firma a oferecer assistência técnica aos clientes brasileiros. Ao mesmo tempo em que a música brasileira – em especial o repertório para fagote – se consolidou como uma das mais ricas e interessantes de todo o mundo, a Püchner construiu por quatro gerações a reputação de uma das mais sólidas e sofisticadas firmas de fagote do mundo.

Muito nos envidoece constatar que a Püchner é uma das marcas preferidas entre os professores de fagote e os profissionais das melhores orquestras brasileiras. É uma grande honra colocar a nossa tradição de quatro gerações a serviço da tradição da música do Brasil.



A Equipe Püchner em Nauheim

Foto: Shi Li

Solistas Püchner no Festival Internacional de Fagote UFRJ-USP

FÁBIO CURY

26 de novembro de 2015
12:30h

Espaço Guiomar Novaes – Sala Cecília Meireles
Concerto de abertura em homenagem a Francisco Mignone

Francisco Mignone

Da série de 16 Valsas para Fagote Solo

Apanhei-te meu fagotinho
Sexta Valsa Brasileira

Macunaíma – valsa sem caráter

Pattapiada

FELIPE DESTÉFANO

26 de novembro de 2015
18:30h

Espaço Guiomar Novaes – Sala Cecília Meireles

Alexandre Tansman

Suite para fagote e piano

Introduction et Allegro – Sarabande – Scherzo

FABIÁN CONTRERAS

27 de novembro de 2015
8:30h

Sala da Congregação – Escola de Música da UFRJ
Master Class

28 de novembro de 2015
17:30h

Salão Leopoldo Miguez – Escola de Música da UFRJ

Apresentação do Quarteto de Fagotes de Córdoba

30 de novembro de 2015 12:30h

Espaço Guiomar Novaes – Sala Cecília Meireles

Astor Piazzolla

Trilogia para Fagote e Orquestra de Cordas – Serie del Ángel

Milonga del Ángel

Muerte del Ángel

Resurrección del Ángel

ALEJANDRA ROJAS GARCÍA

29 de novembro de 2015
17:30h

Salão Leopoldo Miguez – Escola de Música da UFRJ

Johann Sebastian Bach

Suite para Violoncelo Solo em Ré Menor, BWV 1008

30 de novembro de 2015 12:30h

Espaço Guiomar Novaes – Sala Cecília Meireles

Antonio Torriani

Divertimento sobre Temas de Lucia de Lammermoor de G. Donizetti para Fagote e Orquestra de Cordas

Fabián Contreras



Fabián Contreras ocupa o cargo de Fagotista Solista Principal da Orquestra Sinfônica de Córdoba. Iniciou seus estudos de fagote em sua cidade natal, San Miguel de Tucumán – Argentina – sob a orientação do Prof. José Gabarró. Posteriormente, em Buenos Aires, foi discípulo do Prof. Pedro Chiambareta. Além disso, frequentou as master classes de aperfeiçoamento com o Prof. Milan Turkovic, na Escola Superior de Música de Viena, na Áustria. Sua atividade como profissional permitiu-lhe integrar diversos grupos sinfônicos, tais como a Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Tucumán, a Orquestra Sinfônica de San Luis, a Orquestra Sinfônica de Mar del Plata e a Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Cuyo. Além disso, atuou como convidado da Orquestra Sinfônica de Salta, da Orquestra Filarmônica de Buenos Aires e da Orquestra Filarmônica de Medellín, Colômbia. É fundador e organizador dos «Encontros de Fagotistas de Córdoba», o único evento argentino do gênero. Desenvolve intensa atividade na música de câmara e, na qualidade de solista, tem atuado à frente das principais orquestras argentinas, ora com o repertório tradicional do instrumento, ora promovendo estreias de obras de compositores de seu país. Como professor tem sido regularmente convidado para ministrar master classes nos mais distintos cursos e festivais de seu instrumento. Fabián Contreras é um artista Püchner e usa um fagote modelo Superior.

Felipe Destéfano



Fagote solo da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), o chileno Felipe Destéfano participou de importantes conjuntos na Europa e na América do Sul, tendo sido nomeado em 1993 primeiro fagote da Orquestra Acadêmica de Berlim. Foi bolsista no Festival de Campos do Jordão em 1996 e atuou como solista com a Filarmônica de Santiago nas sinfonias concertantes de Mozart e Haydn em 2000 e 2001. Em 2010, apresentou o concerto As Cinco Árvores Sagradas, de John Williams, com a Sinfônica do Chile. É membro fundador do Quinteto de Sopros Arrau, de Santiago. Em Junho de 2015 sola com a OSB o Concerto para fagote de W.A. Mozart. Felipe Destéfano usa um fagote modelo Superior Püchner.

Orquestras Brasileiras que tem fagotistas com instrumentos Püchner

Orquestra Sinfônica Brasileira
Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro
Orquestra Sinfônica Petrobrás
Orquestra Sinfônica da UFRJ
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo
Orquestra do Theatro São Pedro (SP)
Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo
Orquestra de Câmara da Universidade de São Paulo
Orquestra Sinfônica de Santo André (SP)
Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP)
Orquestra Sinfônica da UNICAMP
Orquestra Sinfônica do Paraná
Orquestra Filarmônica de Minas Gerais
Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional (Brasil)
Orquestra Sinfônica da Bahia
Orquestra Filarmônica de Goiás
Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz (Belém do Pará)

Alejandra Rojas



Alejandra Rojas nasceu em Caracas e estudou no famoso programa de educação musical venezuelano, «El Sistema». Muito cedo passou a integrar a Orquestra Jovem Teresa Carreño. Além disso colaborou com a Orquestra Jovem Simon Bolivar. Em 2008, foi selecionada em concurso para receber a prestigiosa bolsa de estudos Ibercaja, com a qual pôde financiar integralmente seus estudos no Conservatório de Aragón, na Espanha, onde se formou, com distinção, sob a orientação do internacionalmente renomado solista de fagote Stefano Canuti.

Após graduar-se, Alejandra prosseguiu seus estudos em Canuti no British Royal Northern College of Music, em Manchester, onde recebeu seu International Artist Diploma (IAD), em 2014, e o seu Advance Postgraduate Diploma (PGDIPAS), em 2015. Como solista, esteve à frente da Manchester Camerata, da Musica Vitae Chamber Orchestra, da Wirral Symphony Orchestra e da RNCM Chamber Orchestra. Como camerista, Alejandra fundou o Amici Trio, ao lado dos fagotistas Andres Yauri e Sam Brough, também alunos do RCNM. Após obter o primeiro prêmio na Trevor Wye Chamber Music Competition, o grupo foi convidado a tocar na conferência da International Double Reed Society (IDRS), em Tóquio, em 2015. Como instrumentista de orquestra, tem atuado com a BBC Philharmonic Orchestra e com a Scottish Chamber Orchestra. Além disso, é uma convidada frequente da Mahler Chamber Orchestra. Alejandra toca com um fagote Püchner modelo Superior.

Fábio Cury, Artista Internacional e Representante da Püchner no Brasil

Mestre em Música pela UNICAMP e doutor pela USP, Fábio Cury é conhecido por seu notável ecletismo. Transita desde o universo da música antiga com instrumentos históricos à vanguarda da composição contemporânea, passando pela música brasileira, pela atividade pedagógica e a pesquisa acadêmica. Tem se dedicado especialmente à divulgação da música nacional, tanto no Brasil como no exterior, esforço esse reconhecido pela APCA, que conferiu ao disco Velhas e novas cirandas: música brasileira para fagote e orquestra, o prêmio de melhor gravação de 2010. Dentro de sua produção fonográfica, cabe ainda ressaltar o álbum duplo Fábio Cury e Alessandro Santoro interpretam Bach, de 2013 – seu primeiro registro com instrumentos de época – e Mignone por Fábio Cury: 16 Valsas para fagote solo, de 2014, lançado pelo selo SESC. Como camerista, tem discos lançados pelos selos Meridian (Inglaterra), Lindoro (Espanha) e Paulus (Brasil).

É membro fundador da Camerata Aberta, grupo inteiramente dedicado ao repertório de nossos dias, com o qual recebeu o Prêmio APCA de melhor ensemble de música



contemporânea, em 2010, e o Prêmio Bravo de melhor CD erudito de 2012 (Espelho D'Água, lançado pelo selo SESC).

Atualmente atuando como professor de fagote da USP e fagotista solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sua atividade multifacetada e a especial atenção que concede à música brasileira credenciam-no como presença marcante não só em praticamente todos os festivais de música, séries de música de câmara como também à frente das mais prestigiosas orquestras brasileiras. Da mesma forma, já atuou como intérprete, professor e palestrante em eventos na Argentina, Panamá, Estados Unidos, Canadá, Bélgica, Eslovênia, Inglaterra, França, Portugal e China, entre outros países.

Fábio Cury atua internacionalmente como artista Püchner e é representante da companhia no Brasil.
Site: www.fabiocury.com
Email: fabiocury@fabiocury.com
Tel. (11) 3812-7624
Cel. (11) 98224-0603

Fagotistas brasileiros que usam o instrumento Püchner

Mauro Ávila – fagotista e contrafagotista da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Orquestra Sinfônica da UFRJ

«Agradam-me imensamente a profundidade, o colorido e a qualidade sonora do fagote e do contrafagote Püchner.»

Jamil Bark – professor da Faculdade de Belas Artes do Paraná e da Orquestra Sinfônica do Paraná

«Som aveludado e de ampla projeção por toda a extensão do instrumento.»

Mariana Bergsten Mendes – fagotista da Orquestra Sinfônica da USP

«Tocar um fagote Püchner tem me trazido a possibilidade de uma sonoridade consistente em todos os registros do instrumento. Na orquestra, posso contar com um registro grave flexível e equilibrado.»

Valdir Caires de Souza – professor de fagote na Universidade Federal de Pernambuco

«Os fagotes da J.Püchner são realmente maravilhosos, tanto na qualidade sonora quanto na afinação.»

Fábio Cury – Professor da Universidade de São Paulo, fagotista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo

«Um dos meus maiores desafios como intérprete é obter a maior gama possível de contrastes e cores na performance. Agradeço muito poder graduar o brilho, oscilar entre um som ora mais escuro ora mais penetrante ou transitar com desenvoltura entre os extremos do pp ao ff. Os fagotes da firma Püchner, com os quais toco desde 1992, têm me ajudado muito a obter a flexibilidade e a paleta de cores que desejo. Além disso, unem um timbre que muito me apraz a uma excelente projeção de som. Tão importante quanto esses fatores para mim é poder confiar cegamente na estabilidade, na excelência da manufatura

e na qualidade dos materiais empregados. A Püchner tem usado somente madeira armazenada por mais de vinte anos. É uma das poucas firmas a usar o Kautschuk no revestimento dos fagotes e a estabilidade da mecânica de seus instrumentos é indiscutível.

A relação da Püchner com os intérpretes de nosso país já tem várias décadas. O já longo período de uso desses instrumentos nas mais importantes orquestras do Brasil possibilita aos nossos intérpretes constatarem que seus fagotes, mesmo os mais antigos, têm mantido suas características iniciais. Por essas razões, a Püchner no Brasil é sinônimo de excelência e confiabilidade.»

Felipe Destéfano – fagotista solista da Orquestra Sinfônica Brasileira

«Tenho meu fagote Püchner desde Fevereiro de 2015 e só posso agradecer pela possibilidade de sentir que estou experimentando o chocolate mais refinado que existe todos os dias. Obrigado, família Püchner.»

Gustavo Koberstein – fagotista solista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília

«Eu uso o fagote Püchner modelo Gentlemen Old Finish desde 2009. É um excelente fagote de sonoridade fácil e bonita. Tem boa durabilidade, tradição e é confiável. Estou bem satisfeito com ele. Recomendando.»

Eliane Medeiros – fagotista solista da Orquestra Sinfônica Petrobrás, professor de fagote na UNIRIO

«O meu fagote Püchner tem sido a paixão mais duradoura e fiel de todas minhas paixões.»

Ricardo Oliveira – fagotista solista da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas

«O que mais gosto nos fagotes Püchner é sua sonoridade rica e o timbre cativante.»

Ronaldo Pacheco – Professor de fagote do Instituto Baccarelli, fagotista solista da Orquestra Sinfônica de Santo André

«Toco com um fagote Püchner desde 1996. Admiro muito a leveza, a flexibilidade e o som aveludado de meu instrumento.»

Ariane Petri – fagotista solista da Orquestra Sinfônica Petrobrás e da Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

«O que aprecio demais nos fagotes Püchner é me fazer optar novamente por esta marca em 2010 é o som rico e quente. Ele me permite expressar exatamente o que quero. É um instrumento que parece entrar em parceria com você; é um companheiro confiável do qual eu sempre sei o que esperar.»

Romeu Rabelo – fagotista e contrafagotista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

«Desde 2012 uso o Fagote (modelo Superior) e o Contrafagote, ambos da Püchner, na OSESP. Os instrumentos me fornecem todo o necessário para cumprir as demandas que uma orquestra de excelência impõe. Já tive a oportunidade de tocar sob a regência dos mais exigentes maestros as mais difíceis obras do repertório orquestral e os instrumentos Püchner sempre me deixam à vontade e confiante para fazer tudo que desejo.»

Matthew Taylor – fagotista solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo

«Na minha opinião, os instrumentos Püchner são os que melhor se adaptam à grande variedade de demandas que se impõem aos fagotistas na atualidade. A dedicação e a inovação da família Püchner têm produzido, de maneira consistente, instrumentos extraordinários. Para mim, a qualidade de som única, a projeção e a imensa paleta timbrística, são os aspectos que tornam o fagote Püchner excepcional.»

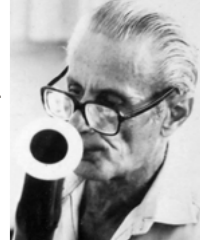
In Memoriam Renata Botti

Nascida em 1966, em São Paulo – falecida em 2003, em São Paulo. Renata Botti foi fagotista da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo, de 1994 a 2003. Lecionou fagote no Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos de Tatui – SP e na Escola Municipal de Música de São Paulo. Recebeu, postumamente, o título de Mestre em Música pela Universidade de São Paulo, pela dissertação Timbre e Textura em Villa-Lobos. Renata tocava com o fagote Püchner modelo 24.



In Memoriam Gustave Busch

O fagotista Gustave A. R. Busch, nascido em 1929 na Áustria, formou-se no Conservatório de Música de Viena. Na década de 50, imigrando para o Brasil, atuou em diferentes orquestras. De 1961 até sua aposentadoria integrou a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo. Na música de câmara, destaca-se sua participação por muitos anos no Quinteto de Sopros de São Paulo, bem como nos grupos Circulus Musica Rara e Decamera. Também atuou como professor na Escola Municipal de Música de São Paulo e foi um dos pioneiros no Brasil ao apresentar o fagote Püchner aos seus alunos e alunos. Faleceu em 2003, deixando um belo legado musical.



Mauro Ávila, Luthier autorizado dos Fagotes Püchner

Durante a exposição de fagotes da Püchner no Rio de Janeiro, em 2007, foi revelado o notável talento para reparo e manutenção de instrumentos de Mauro Ávila, fagotista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Dessa descoberta resultou o convite para um treinamento intensivo na sede da companhia, em Nauheim.

Após a estada na Alemanha, iniciou-se uma profícua cooperação entre Mauro Ávila e a Püchner, que passou a ser a única companhia a oferecer assistência técnica para seus instrumentos no Brasil. Atuando como luthier autorizado para os fagotes e contrafagotes Püchner em toda a América do Sul, Mauro já construiu uma sólida reputação de excelência, graças aos trabalhos de alta qualidade que vem consistentemente desenvolvendo desde então.

Em sua oficina, no centro do Rio de Janeiro, Mauro realiza todo o tipo de reparo e manutenção em fagotes. Além disso, tem representado a Püchner, como luthier, em eventos tais como o Encontro de Fagotes de Córdoba (Argentina), o Concurso de Oboé e Fagote de Lima (Peru) e os Festivais Internacionais de Oboé e Fagote de São Paulo e Jaraguá do Sul entre outros. Mauro pode ser contatado pelo telefone (21) 24.47.75.73, pelo celular (21) 997.69.59.47 ou pelo email maurolsa@terra.com.br

